

Olhar para além dos muros é um desafio

Roseli Fischmann

Educação do jovem deve desenvolver a responsabilidade pelo bem comum contra o apelo ao individualismo

Viagens são atraentes. Mas, dispendiosas, transformam-se em elemento de desgaste na relação familiar e entre colegas

Relacionar o que se passa na escola, com o que há para além de seus muros, é intrínseco à atividade escolar. Como articular o ensinamento teórico com vivências que lhe deem sentido? No passado, a ousadia era levar os alunos a cidades históricas de Minas Gerais: de ônibus, em percursos sem conforto, por onde se iniciava a aprendizagem do Brasil.

Com a globalização, chegaram pressões para a internacionalização. As escolas particulares buscam vantagem competitiva, já que a dignidade dos objetivos educacionais não altera a realidade de mercado.

Na escola particular, a diversidade seria aparentemente menor do que na escola pública. Mas há pais que empenham alta porcentagem do salário, convictos de dar "o melhor" para os filhos.

Viagens são atraentes. Mas, dispendiosas, transformam-se em elemento de desgaste na relação familiar e entre colegas de classe, trazendo conflitos íntimos. Como expor o jovem a ter de justificar a impossibilidade de participar?

A frustração pode fazer parecer irrisório o esforço dos pais, para quem oferecer a escola já é sacrifício.

Ver-se excluído gerará desconforto, por mais que os colegas procurem poupar o jovem; cotizarem-se para suprir a "incapacidade" familiar, só acentuará o quadro. Mas o que esperar da escola, pública e privada, neste país de desigualdade escandalosa, onde discriminação e racismo são acobertados?

Para ultrapassar os muros da escola, a educação do jovem cidadão precisa incluir a consciência de como lidar com esse quadro, e desenvolver sua responsabilidade pelo bem comum, contra o apelo do individualismo de obter o máximo para si, ainda que resultando em mais desigualdade e exclusão.

Escolas fazem "poupança" e dão opção barata

As escolas que promovem viagens mais caras afirmam que os passeios são optativos, e que o pagamento delas é facilitado, por meio de parcelamentos ou de descontos.

No I.L. Peretz, quando um aluno quer participar mas não tem condições financeiras, recebe a ajuda de pais de outros colegas ou até de parceiros da escola.

A Lourenço Castanho oferece alternativas para os estudantes que optam por não participar. Os que não foram à Brasília, que tinha como alvo de estudo a arquitetura e o funcionamento do Poder Legislativo, foram visitar a Câmara de SP com a escola.

Os colégios defendem ainda que as viagens funcionam como um aprofundamento do conteúdo visto em sala.

"A viagem ao Canadá é uma forma de eles se desenvolverem não apenas no inglês, mas também na vida", afirma a professora de inglês do Santa Cruz, Patrícia de Aguiar, que os acompanha.

Os alunos citam ainda outra vantagem das viagens escolares: "ela aproxima diversos grupos de amigos que antes não tinham contato e a gente sempre fica mais próximo do professor", diz Laura Azevedo, 17, estudante do Lourenço Castanho.

Mas para o professor da Faculdade de Educação da USP Ocimar Alavarse as viagens muito caras podem criar situações de desigualdade nas escolas.

"As atividades escolares devem incluir todos os alunos, buscar uma igualdade de resultados. Na medida em que [a escola] promove atividades em que a participação é mais favorável para quem tem mais dinheiro, reforça as diferenças socioeconômicas", diz.

Para evitar isso, pais da escola Waldorf Rudolf Steiner, na zona sul, costumam fazer uma "poupança" da sala. No início do ano, a escola informa o destino de viagem de estudo que pretende promover e todos depositam mensalmente uma parte do valor.

Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 24 out. 2010, Cotidiano, p. C11.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais